

## JUSTIÇA E GÊNERO: UMA ANÁLISE DE PERSÉPOLIS À LUZ DE SUSAN OKIN

Fabiana Paranhos<sup>1</sup>

Desde o surgimento do feminismo nos anos 1960, seu crescimento como corrente filosófica e, em seguida, como movimento social até o presente, diversas teóricas da filosofia feminista trouxeram a questão dos papéis de gênero para o debate sobre teorias de justiça. John Rawls, um dos mais importantes filósofos contemporâneos, foi um dos teóricos mais criticados pelas feministas por deixar de lado, no embasamento de sua argumentação, os papéis de gênero.

Lida, criticada e combatida pela filosofia norteamericana contemporânea, a teoria de justiça de Rawls foi um marco no debate sobre o conceito do justo para todos e todas. Muito embora Rawls tenha deixado de fora mulheres e deficientes, por exemplo, sua teoria de justiça liberal é uma das mais importantes para o debate acadêmico sobre o tema.

Na esteira das críticas rawlsianas, filósofas como Martha Nussbaum, Susan Moller Okin e Joan Scott dialogaram com Rawls e propuseram novas abordagens sobre sua teoria de justiça. Para elas, questões como deficiência, cuidado, trabalho e gênero ficaram de fora do modelo de Rawls, mas deveriam ser contemplados na busca por um modelo de justiça ideal.

Este artigo tem com objetivo relacionar algumas idéias de Susan Moller Okin sobre família e papéis de gênero com a trajetória de Marjane Satrapi contada em sua autobiografia intitulada *Persépolis*. O livro *Persepolis* traz o debate sobre os papéis de gênero dentro da família em uma sociedade desestruturada pela guerra e pelas mudanças culturais e religiosas que vêm em consequência. A história verídica de Marjane Satrapi contada em livro e em filme por ela mesma é um exemplo de como um mundo verdadeiramente justo não pode deixar de considerar a distribuição justa de papéis de gênero nas famílias, nas relações de trabalho e na educação.

**Persépolis**

Antiga capital do império persa, onde fica, hoje, o Irã, o nome da cidade serviu de título para a autobiografia de Marjane Satrapi, iraniana que, com o advento da Revolução Islâmica e o crescimento do fundamentalismo religioso, foi enviada à Áustria na adolescência para não viver em um país em guerra.

Satrapi conta a história de sua vida no Teerã entre os seis e os quatorze anos, período em que ela e sua família assistiram à queda do Xá, o triunfo da Revolução Islâmica e os devastadores efeitos da guerra no Iraque, a partir de 1979 e, depois, sua adolescência e juventude na Áustria. Filha de um casal de marxistas e descendente de um dos últimos imperadores do Irã, Satrapi desenha um retrato de seu cotidiano e as contradições entre sua vida em casa e fora dela. A menina testemunha a repressão do novo Regime, os açoitamentos em praça pública, a imposição do uso do véu para as mulheres e a glorificação dos ditos mártires e heróis da revolução.

Satrapi estudava em uma escola francesa e laica, no Irã. Com a Revolução Islâmica, ela se viu separada dos amigos meninos, passou a usar um véu e estudar somente com meninas. A ocidentalização do país e o caráter laico das escolas eram um símbolo de decadência para os fundamentalistas islâmicos. A partir desta mudança, em 1980, Satrapi começou a testemunhar a entrada cruel do Regime em seu país.

Seus pais eram leitores de Trotsky e admiradores de Fidel e Che Guevara. Liam Descartes e Marx e fizeram resistência contra os fundamentalistas. Satrapi cresceu em uma família onde a liberdade era o bem principal. E foi justamente esse apreço pela liberdade que fez com que seus pais a enviassem para a Áustria no início de sua adolescência, com o objetivo de poupá-la das conseqüências da guerra.

# SérieAnis

Bioética • Ética • Feminismo • Gênero • Direitos Humanos • Justiça • Desenvolvimento Social

A família de Satrapi era pequena: seus pais, ela e sua avó. Ao contrário de diversas famílias iranianas adeptas do islamismo e ao Regime, a menina cresceu em uma família já ocidentalizada e contrária ao Islã e ao fundamentalismo.

Foi por sugestão dos pais que a menina deixou Teerã e foi estudar fora. Não fosse o apoio afetivo e financeiro da família, Satrapi não teria chances de sobreviver sozinha e longe do Regime. Apesar de ter sofrido dificuldades em outro país, foi o apoio dos pais que permitiu com que ela sobrevivesse durante este período.

## Uma família justa?

A família e o casamento estruturados no gênero são injustos e geram desigualdade, segundo Okin (OKIN, 1989). Em um país em guerra como o Irã de Satrapi, com a imposição do islamismo e sua característica não-valorização da mulher, esta desigualdade é ainda maior. Nas palavras de Okin: "...gender-structured marriage is an institution that makes women economically and socially vulnerable".<sup>2</sup>

Esta vulnerabilidade social e econômica não aparece com clareza em *Persépolis*. Entretanto, é possível reconhecer uma certa desigualdade relacionada aos papéis de gênero na família de Marjane Satrapi. Sua mãe não trabalha e seu pai é o único provedor da casa. Mesmo naquela família politizada e com uma formação laica, o casamento era estruturado no gênero. Apesar de o acordo entre os pais de Satrapi não ficar evidente tanto no livro quanto no filme, esta desigualdade na distribuição dos papéis não foi impedimento para que o casal enviasse sua filha para fora do país em nome de sua segurança e integridade física e intelectual.

Para Okin, um cidadão só pode ser justo se crescer em uma sociedade justa e, principalmente, em uma família justa (OKIN, 1989). E completa:

*A society that is committed to equal respect for all of its members, and to justice in social distributions of benefits and responsibilities, can neither neglect the family nor accept family structures and practices that violate these norms, as do current gender-based structures and practices.*<sup>3</sup>

Não há como negligenciar os papéis de gênero nas famílias. Como também não há como a família ser uma instituição separada da sociedade em que vive. No caso de Satrapi, seu relato mostra uma família preocupada com a formação de uma cidadã justa, atuante e orgulhosa de suas origens. Em trechos do filme e do livro, sua avó aparece sempre no papel daquela que a faz lembrar de quem ela é e da obrigação de ela ser justa e digna. Manter a dignidade era prioridade para sua avó e para seus pais. E ser uma família diferente e contrária ao Regime era o desafio enfrentado cotidianamente por eles.

A família de Satrapi era, na verdade, uma família com duas estruturas: a interna e a externa. Em casa, a menina Satrapi era livre, era tratada com justiça e os papéis eram compartilhados. Fora de casa, Satrapi foi retirada de sua escola laica e passou a viver sob um Regime tirano, foi obrigada a usar um véu e a esconder o que pensava.

Instância fundamental para a produção e reprodução de cidadãos justos, a família é, para Okin, o primeiro lugar onde a justiça deve ser aplicada e aprendida. Para a filósofa, a família de hoje não reproduz um senso de justiça e não oferece igualdade de oportunidades:

*(...)contemporary gender-structured families are not just. But they need to be just. They cannot rely upon the spirit of generosity – though they can still aspire to it because the life chances of millions of women and children are at stake. They need to be just, too, if they are to be the first schools of moral development, the places where we first learn to develop a sense of justice. And they need to be just if we are even to*

# SérieAnis

Bioética • Ética • Feminismo • Gênero • Direitos Humanos • Justiça • Desenvolvimento Social

*begin to approach the equality of opportunity that our country claims as one of its basic ideals.<sup>4</sup>*

Muito embora a autora se refira ao exemplo estadunidense, a afirmação de que a família é a primeira escola das crianças não é novidade e tampouco não se aplica a outras sociedades. Em um país como o Irã, com sua herança religiosa e a implementação do fundamentalismo islâmico, a família é a instituição mais importante. E a reprodução da desigualdade de papéis de gênero é muito mais intensa com a influência da religião.

No caso de Satrapi, sua família reproduzia outros valores. Entretanto, sua mãe não trabalhava fora e dependia do marido para sobreviver. Ativistas políticos, os pais de Satrapi participavam das manifestações contra o Regime, mesmo alimentando o modelo de casamento estruturado no gênero. Uma hipótese para esse modo de vida é a de que eles assim o faziam por uma questão de sobrevivência frente ao Regime e suas imposições. Como o filme e o livro mostram, a vida em uma estrutura patriarcal e fundamentalista é opressora e desigual. A opção de manter um lar onde a justiça e a igualdade são condições para a convivência e para a reprodução de cidadãos justos, foi ousada para um país como o Irã nos anos 1980.

## A opressão por ser mulher

A menina Satrapi, depois de passar alguns anos na Áustria e ter sofrido com as diferenças culturais, a dificuldade econômica e a xenofobia, retorna ao Irã para se juntar a seus pais e se submeter novamente ao Regime. Após três meses de dificuldades na Áustria, Satrapi deixou uma vida de liberdade e acesso à cultura para voltar a usar o véu e a conviver com o fundamentalismo religioso.

Entretanto, sua família continuava resistente ao Regime e ela conseguiu conviver, na esfera privada, com amigos e familiares resistentes ao fundamentalismo e suas exigências. Satrapi resolve, então, entrar na faculdade. E é lá que conhece Reza e, já no segundo ano de artes gráficas, os dois se casam.

Satrapi, que passou quatro anos na Europa, começa a se sentir incomodada com as desigualdades em seu país. Volta a estudar os clássicos marxistas e socialistas com o incentivo de seus pais. Com o tempo, seu casamento passa a não fazer tanto sentido e o Regime a revoltava:

*Se um cara mata 10 mulheres na presença de outras 15, ninguém pode condená-lo, pois em caso de homicídio nós, mulheres, não podemos nem testemunhar! Também é ele que tem o direito de divórcio e, se ele te concede, fica com a guarda dos filhos! Ouvi um religioso justificar essa lei dizendo que o homem é a semente e a mulher a terra em que cresce essa semente. Portanto, o menino pertence naturalmente ao pai! Você percebe??? Não agüento mais! Eu vou embora deste país!<sup>5</sup>*

Ao contrário do que seria o comum, Satrapi consegue se divorciar consensualmente, e o marido lhe concede o direito ao divórcio. Entretanto, esta não é uma realidade para todas as mulheres. Satrapi, que não teve filhos no casamento e tinha o apoio financeiro dos pais, pôde se divorciar sem sofrer as conseqüências que as mulheres que se separam geralmente enfrentam. Okin, que aponta para a vulnerabilidade das mulheres no casamento, chama este fenômeno de 'possibilidade de fuga', o que garante que, no caso de um divórcio, as mulheres não experimentem dificuldades econômicas ou sociais:

*(...)marriage is a clear case of asymmetric vulnerability, in which not only power to make decisions but also power to prevent issues from becoming objects of decision is related to the spouses' relative opportunities to exit satisfactorily from the relationship.*

# SérieAnis

Bioética • Ética • Feminismo • Gênero • Direitos Humanos • Justiça • Desenvolvimento Social

Satrapí pôde sair do casamento sem enfrentar as dificuldades oriundas de um casamento estruturado no gênero por ter o apoio financeiro e afetivo dos pais e por não ter tido filhos. Em uma estrutura patriarcal, como é o caso da família como a conhecemos, Satrapí não teria tido muitas chances com a dissolução do casamento. Para Okin, nossas tradições estão impregnadas com o patriarcado, e a busca por um ideal de família que contemple uma distribuição equitativa de oportunidades e deveres ainda é um desafio:

*It is by now obvious that many of "our" traditions (...) are so permeated by the patriarchal power structure within which they evolved as to require nothing less than radical and intensive challenge if they are to meet truly humanist conceptions of the virtues.<sup>6</sup>*

Mas, como romper com as tradições? Como aplicar as teorias feministas em uma estrutura patriarcal? Onde as feministas se encontram nesta estrutura? Okin defende que o feminismo, em si, é uma tradição, e que muitas teóricas feministas discordaram entre si sobre as causas e soluções para a opressão sobre a mulher (OKIN, 1989). Entretanto, todas concordaram com a garantia da equidade entre os gêneros para trazer soluções:

*(...) all have agreed that any tradition that does not address these questions, especially if it cannot address them because its most fundamental assumptions about what is "the human good" do not even enable these questions to become visible, can no longer be regarded as just or rational.<sup>7</sup>*

A tradição que envolvia a vida de Satrapí era patriarcal e fundamentalista. Mas sua família não reproduzia os fundamentos de seu país e do Regime. Enviar a filha para a Europa foi a maneira que encontraram para protegê-la da opressão religiosa. Os papéis de gênero em um estrutura fundamentalista ainda são mais acentuados, potencializando a opressão. Os papéis masculinos são mais valorizados e os direitos sociais das mulheres são menores. Os papéis de gênero funcionariam de maneira semelhante às sociedades de casta, onde os homens são mais importantes:

*Like the caste hierarchy, the gender hierarchy is determined by a single value, with male sexuality taking the place of ritual purity. And, also like the caste hierarchy, that of gender ascribes roles, responsibilities, rights, and other social goods in accordance with an inborn characteristic that is imbued by society with tremendous significance.<sup>8</sup>*

## Conclusão

Marjane Satrapí vivia em uma sociedade dividida pelos papéis de gênero. E, como fator agravante, sob a égide do fundamentalismo religioso. Sua família veio de uma tradição baseada na desigualdade entre homens e mulheres. Entretanto, ela foi modificada por diversos fatores: a ocidentalização do Irã a partir de 1925, o espírito libertário de sua avó e o amor que seus pais tinham um pelo outro. Uma mudança profunda na distribuição destes papéis requer uma intervenção dentro e fora das famílias, e deve perpassar todas as instituições que compõem uma sociedade (OKIN, 1989).

Estas mudanças não acontecem de uma hora para outra. Susan Okin propõe uma sociedade livre do gênero. A filósofa apresentou, há vinte anos, uma crítica às teorias de justiça que deixaram de lado a questão de gênero e trouxe a equidade nos papéis de homens e mulheres como solução para a injustiça e a opressão. Para ela, uma família onde não exista divisão de papéis e, conseqüentemente, injustiça, pode educar e moldar cidadãos justos.

*Persépolis* é um retrato de como esta divisão de papéis é injusta e gera opressão. Marjane Satrapí mostrou, em sua autobiografia, como sua vida se transformou com a chegada do Regime xiita. E, mesmo vivendo em uma família politizada, moderna e ocidentalizada, ela não conseguiu escapar da estrutura opressora à sua volta. Como em

# Série Anis

Bioética • Ética • Feminismo • Gênero • Direitos Humanos • Justiça • Desenvolvimento Social

uma espécie de exílio, a adolescente viveu em outro mundo e voltou às suas origens com o objetivo de criticar o Regime. Nas páginas dos quadrinhos ou no filme, Satrapi tentou mostrar ao ocidente o que aconteceu em seu país. Deve ter tentado, também, influenciar de alguma maneira seu próprio povo. Talvez com uma idéia de transformação.

## Referências bibliográficas

OKIN, Susan Moller. **Justice, Gender and the Family**. Chicago: Basic Books, 1989.

SATRAPI, Marjane. **Persépolis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

---

<sup>1</sup> Historiadora, pesquisadora da organização não-governamental Anis – Instituto de Bioética, Direitos Humanos e Gênero. <anis@anis.org.br>

<sup>2</sup> OKIN, 1989, p.24.

<sup>3</sup> OKIN, 1989, p.22.

<sup>4</sup> OKIN, 1989, p.30.

<sup>5</sup> SATRAPI, 2007.

<sup>6</sup> OKIN, 1989, p.58.

<sup>7</sup> OKIN, 1989, p.61.

<sup>8</sup> OKIN, 1989, p.65.

## Série Anis

É uma publicação seriada da Anis para divulgação de resultados de pesquisa sobre ética, bioética, direitos humanos, direitos reprodutivos, sexualidade, gênero, feminismo, deficiência, desigualdade, raça e justiça social. São publicados trabalhos originais, cujo objetivo é promover a discussão acadêmica.

**Bibliotecária Responsável**  
Kátia Soares Braga (CRB/DF 1522)  
**Editora Científica**  
Debora Diniz  
**Editores Executivos**  
Cristiano Guedes e Fabiana Paranhos

**Conselho Editorial**  
Alessandra Barros, Dirce Guilhem, Marilena Corrêa, Roger Raupp Rios,  
Sérgio Ibiapina Costa, Sílvia Yannoulas, Tatiana Lionço  
**Qualis Filosofia/Teologia/A Local/Capes**  
**Qualis Saúde Coletiva/C Nacional/Capes**

**Tiragem** 50 exemplares

**Endereço** Editora LetrasLivres – Caixa Postal 8011 – CEP 70.673-970 – Brasília-DF – Brasil | **Telefone** +55 61 3343.1731 | **E-mail** letraslivres@anis.org.br